

## ***SELBACH: uma história?***

*Cristiele Aline Kuhn Terhorst, professora na área de ciências humanas do Instituto Estadual de Educação Edmundo Roewer*

**RESUMO:** Selbach, um município localizado no Alto Jacuí, colonizado por descendentes de alemães categoricamente escolhidos para ocuparem os lotes de terra (inicialmente de propriedade do Coronel Jacob Selbach Júnior, comerciante e amigo de Júlio de Castilhos), é o ponto de partida para uma análise sobre o histórico da comunidade, que possui fortes traços étnicos (na linguagem, através do sotaque característico, do dialeto com gírias e da língua alemã, ainda presentes no cotidiano da população; na gastronomia, através da preparação e consumo de pratos típicos da culinária alemã, como linguças diversas, cucas e tortas, chucrute, entre outros tantos; na educação, formal e não formal como o costume de frequentar o catecismo fervorosamente e a manifestação da religiosidade não só na igreja, mas em outras instituições; e na forma de viver, através de divertimentos em sociedade, tais como grupos: de bolão e bolãozinho, de corais infantis e adultos, de produção de artesanatos com linhas, da organização de grupo de casais para ir aos Bailes de Kerb) e que não questiona o que havia e ocorria nestes territórios antes da colonização.

### ***Selbach hoje***

O município de Selbach localiza-se no noroeste do Rio Grande do Sul. Com uma altitude de 404 metros em relação ao nível do mar, sua distância à capital Porto Alegre é de 228 km (de acordo com o Atlas de Desenvolvimento Humano do PNUD). De acordo com o Censo Demográfico do IBGE realizado no ano de 2010, a população do município atingiu 4929 habitantes, distribuídos numa área de 178,642 km.

Selbach possui vocação agrícola, destacando-se no plantio da soja, do trigo e do milho: são doze mil hectares cultivados. Também tem uma significativa produção leiteira de dois milhões e meio de litros de leite, além da criação de suínos por setenta suinocultores. Há indústrias em desenvolvimento, sendo que a implantação da área industrial, com planejamento municipal, deu novo impulso ao segmento. O comércio está em expansão, e supre as necessidades de alimentação, vestuário, moradia (entre outras) da população.

Sobre a educação, a população conta com sete instituições de ensino: Escola Municipal de Ensino Fundamental Incompleto São Luís, na Linha Bela Vista; Escola Estadual de Ensino Fundamental Frei Anselmo, na Linha Floresta; Escola Municipal de Ensino Fundamental Aníbal Magni, no Distrito de Arroio Grande; Instituto de Ensino

Fundamental e Médio Adão Seger, na cidade; Escola Municipal de Educação Infantil “A Sementinha”, na cidade; Escola Municipal de Educação Infantil Nossa Senhora Maria Auxiliadora, na cidade; e Escola de Educação Especial de Selbach (APAE), também na cidade, junto a Secretaria de Assistência Social.

Com relação à demografia, é possível afirmar que a população rural decresceu muito em quarenta anos, sendo que a urbana aumentou significativamente. Uma possibilidade de argumento para tal fenômeno é a mecanização agrícola, fazendo com que a necessidade de trabalho braçal diminua.

O município faz parte da Rota das Terras, oferecendo ao visitante a oportunidade de conhecer vários pontos turísticos. Entre eles: Monumento do Imigrante, Mini Parque Encantado, Casa Urban, Recanto do Mel – HONIGECKE, Sala do Artesão de Selbach, Igreja Matriz São Tiago, Gruta Nossa Senhora de Lourdes, Santuário Nossa Senhora da Saúde, Cabanha Bogorny, o Haras Pinno e o Camping Vale Verde.

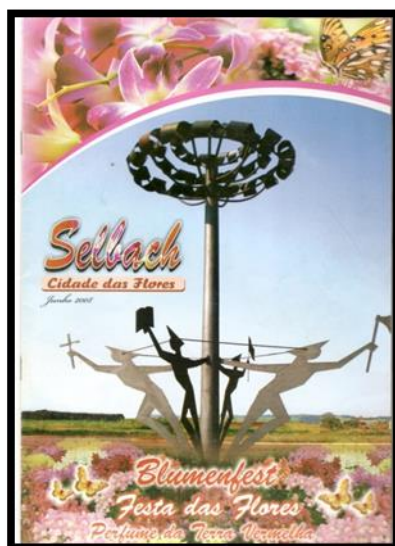
Selbach recebe muitos visitantes na Blumenfest (Festa das Flores), uma feira que envolve a comunidade em geral, nas atividades de visitação aos espaços gastronômicos, de artesanato, da indústria e do comércio, além das atividades culturais, como shows de artistas locais, estaduais e nacionais.

Outro evento que se destaca é o Concerto de Maio, promovendo o Canto Coral do município e região. Pela colonização alemã, o canto coral veio agregar lazer à comunidade, através da apresentação de cantos para as celebrações religiosas de antigamente. Na atualidade, continuam presentes, não só nas igrejas, mas em momentos festivos, fúnebres e demais solenidades, unindo as pessoas numa prática artística, que se tornou costume e expressão de sentimentos.

O Kerb, a festa para comemorar o dia do (a) padroeiro (a) da comunidade, acontece anualmente, e é motivo de encontro das famílias. Além da missa, são realizadas várias refeições típicas (café colonial, almoço, café da tarde, janta) com comidas preparadas a partir de receitas especiais passadas de geração em geração; e o baile, com animação de músicas de bandinha, ao ritmo de valsas, polquinhas, chotes e regado a muito chopp. Houve algumas mudanças, no decorrer dos anos, já que as famílias não são mais tão numerosas quanto no passado, mas a essência da festa permanece.

O seu território está dividido em sete comunidades rurais, além do núcleo citadino: Bela Vista, Linha Floresta, São Pascoal, Santa Isabel, Arroio Grande, Passo do Padre e Santa Terezinha. Percebe-se a forte influência católica, pela denominação dos povoados e pelas atividades anualmente previstas.

Ainda com poder simbólico de relembrar os valores e em reconhecimento aos antepassados, no ano em que foi comemorado os “100 Anos de Colonização Alemã em Selbach” (2008), foi exposto no trevo principal de acesso à cidade, um marco histórico em forma de monumento. Os autores do mesmo foram Leonardo Flach, Rudi Seger, Luís Reichert e Arlindo Ludwig.



**FIGURA 1:** Revista Selbach, 2008: Capa

No centro do monumento há a representação de uma araucária, simbolizando a madeira: primeira riqueza a atrair os colonizadores. As figuras humanas representam os descendentes de imigrantes alemães que “desbravaram” a terra, e todas com a expressão de “buscar novos horizontes”, segurando instrumentos de valor identitário para o povo selbachense:

*A cruz simboliza a fé cristã, católica que deveria ser professada pelos primeiros povoadores da região e que, ainda hoje, é vivenciada pela comunidade selbachense. O livro caracteriza a educação, que foi uma das maiores preocupações dos desbravadores, em estabelecer escolas que atendessem não só a necessidade de alfabetizar e aprender cálculos, mas também a aprender o catecismo e apegar-se a valores. O machado, principal instrumento usado na abertura das primeiras clareiras na mata virgem para fazer brotar da terra vermelha “a rima perfeita do chão, do grão e do pão”. A bandeira*

*simboliza a origem do povo que deu início à história desta comunidade, e conseqüentemente contribuição da cultura e valores que consolidaram o progresso desta terra (SELBACH, 2008: 17)*

### ***O discurso oficial: a colonização***

A forma como ocorreu a colonização oficial do atual município de Selbach é bem específica. Durante a República Velha (1897), o então Coronel Jacob Selbach Júnior (amigo do então governante do RS, Júlio de Castilhos; e membro ativo do PRR – Partido Republicano Riograndense) adquiriu terras do Governo Federal, iniciando-se, em seguida, o núcleo de colonização em Carazinho (1905).



**FIGURA 2:** retrato de Coronel Jacob Selbach (DIAGNOSE, 1991:9)

Em sua dissertação de mestrado, Maria Lourdes Backes Hartmann relata a transação comercial:

*Os latifúndios improdutivos foram vendidos pelos estancieiros a companhias colonizadoras ou a particulares. Neste último, foi o caso de Selbach, cujas terras foram adquiridas em 1897, do Governo Federal pelo Coronel Jacob Selbach Júnior, homem de prestígio político, de importantes responsabilidades republicanas e da confiança do Presidente do Estado, Dr. Júlio Prates de Castilhos [...](HARTMANN, 2000:20)*

Também comenta sobre a presença do positivismo nas relações, sendo que a visão de progresso viria apenas com os europeus (no caso, alemães) como “um povo trabalhador”. Lourdes questiona, ainda, a homenagem ao coronel pela denominação do município, pois não há registros do valor da compra das terras, muito menos da passagem de Selbach Júnior pelas terras que havia “comprado”.

Ainda é interessante citar, além do monumento, a homenagem realizada em 2008, na passagem dos 42 anos do município, durante uma celebração religiosa na igreja matriz, aos descendentes do Coronel, quando os mesmos receberam troféus com o símbolo da Blumenfest, em “gradidão” a colonização:



**FIGURA 3:** registro da missa em homenagem à família do colonizador. (SELBACH, 2008:5)

O governo estadual, então, incentivava a colonização de terras “devolutas” como forma de proteger o território. Assim Maestri explica a ação:

*Com a formação de núcleos de camponeses proprietários, pretendia-se ocupar, proteger e defender regiões despovoadas e estratégicas da cobiça das nações estrangeiras e dos ataques de nativos e quilombolas. Em virtude das tradicionais disputas territoriais com a Espanha na América Meridional, o sul do Brasil foi uma das principais regiões a acolher colonos-camponeses europeus não lusitanos. (MAESTRI, 2010: 125-126)*

Também havia o desejo de desenvolver no território físico atividades econômicas que visassem, além do abastecimento de gêneros alimentícios aos grandes centros urbanos,

o “branqueamento” dos “brasileiros”, já que os europeus eram considerados indivíduos de categoria superior, se comparados aos indígenas e aos caboclos (intrusos nacionais - como denomina Lurdes Grolli Ardenghi aos extrativistas de erva mate e cultores de roças com produtos de subsistência ou sobrevivendo dos recursos da natureza) (ARDENGHI, 2007: 467).

Mercedes Gassen Kothe nos dá uma pista pelo qual os colonos instalaram-se nesta região: “Como não havia mais terras disponíveis nas áreas iniciais da imigração, os descendentes de 3ª ou 4ª geração dirigiram-se para o norte do estado” (KOTHE, 2007: 388). Isso explica porque as famílias deixaram parentes nas chamadas Colônias Velhas para aventurarem-se em terras onde tudo precisava ser feito: estradas, casas, escolas, hospitais e a igreja. A última com enorme poder de persuasão, pelo conforto espiritual dado aos colonos que muito sofriam com: os árduos trabalhos, a distância de seus familiares e as doenças (especialmente a Tifo, que ceifou muitas vidas em 1916).

Também auxilia para o esclarecimento o professor R. Vicente Werlang:

*A exemplo de outras regiões, os “donos” dos pinheirais ou araucárias faziam campanhas para vender estas terras a colonos italianos, alemães, ou seja, povos de origem européia oriundos da “colônia velha”. [...] Iniciou-se assim um grande desmatamento: a parte nobre das árvores era serrada e o resto queimava-se e a roça estava limpa para o plantio do milho e da mandioca [...] (ARNHOLD, 2006:07)*

Ao vender os lotes, o colonizador Coronel Jacob Selbach Júnior preocupou-se em formar uma coletividade, com ênfase na identidade religiosa e cultural das pessoas que iriam passar a integrar a comunidade selbachense, sendo que os colonos deveriam preencher os seguintes requisitos para receber as terras: ser agricultor (para realizar o desmatamento de seu lote, iniciando uma plantação de subsistência), ser católico (garantindo a coesão da comunidade, e unindo a mesma em torno da espiritualidade), e ser alemão (de preferência, para a unidade de pensamento, através de hábitos, valores e atividades culturais em comum).



**FIGURA 4:** demonstração da fé católica. (SELBACH, 2003:janeiro)

A área de terras hoje pertencente ao município em questão foi de Passo Fundo (até 1924), de Carazinho (de 1931 a 1954), e de Tapera (até 1964, quando iniciaram os movimentos em prol da criação de Selbach). Em 1965, através da Lei Estadual nº 5036 de 22 de setembro:

*Selbach é uma das unidades integrantes da República federativa do Brasil e do estado do Rio Grande do Sul, com autonomia Política, Administrativa e Financeira, regendo-se por esta Lei Orgânica e demais Leis que adotar, respeitando os princípios estabelecidos nas Constituições Federal e Estadual. (LEI Orgânica: 11)*

Além dos produtos coloniais vendidos ou trocados nas pequenas casas de comércio, como carne suína, banha, ovos, manteiga, milho, arroz e batatas, retirava-se da pequena propriedade outra grande fonte de renda: a madeira. Foi a indústria madeireira que impulsionou a economia local, permitindo ao pequeno proprietário um significativo ganho financeiro. Porém, apesar de o colono realizar o trabalho mais pesado de corte e limpeza dos pinheiros araucária, quem ficava com o maior lucro não era as pequenas madeireiras familiares, mas sim, as indústrias de Carazinho e Cruz Alta, para onde as toras eram vendidas.



**FIGURA 5:** Família Konrad em arrozal. (SELBACH, 2003: abril)



**FIGURA 6:** Transporte de produtos coloniais. (SELBACH, 2003: março)

Segundo João Carlos Tedesco e Liliane Wentz:

*Carazinho, ainda como 4º distrito de Passo Fundo, possuía 174 empreendimentos madeireiros no final da década de 20, abarcando mais da metade das empresas pertencentes ao município de Passo Fundo e justificando ser o maior empório madeireiro do Planalto gaúcho. (TEDESCO, 2007: 344-345)*



**FIGURA 7:** Retrato de uma serraria. (SELBACH, 2003: junho)

Já nas décadas seguintes, a agricultura foi se desenvolvendo e novas formas de produzir a lavoura, com técnicas inovadoras, foram incentivadas. Porém, a terra tornou-se pouca porque a população aumentou. Ocorreu aí, uma nova migração: de selbachenses para os estados de Santa Catarina e Goiás, onde o preço possibilitava que o colono adquirisse maior quantidade de terras por menos valor.

As famílias que permanecem labutando no campo diminuíram também em virtude do êxodo rural, o que é comprovado pelo último censo demográfico, conforme tratado anteriormente.



**FIGURA 8:** Mecanização da lavoura. (SELBACH, 2003: setembro)

### ***Território de ocupação indígena***

A história de Selbach é contada, pelos antigos moradores, por textos em pequenos livros, tendo como marco inicial a colonização alemã. A impressão é que antes da mesma, no território havia um grande vazio demográfico, onde a natureza reinava absoluta. Porém, trabalhos recentes, como de Silva e Barcelos, provam que:

*Esta região esteve muito longe de ser uma terra-de-ninguém (administrativamente), ou um vazio (sem ocupação). No entanto, a classificação de terra-de-ninguém configurou uma forma de justificar a ocupação de uma área que, ao não pertencer a alguém, encontrasse-se livre para ser apropriada. Foi este discurso ocidental moderno, o qual pressupôs a construção de um espaço de progresso, lucrativo, cristão e racional que viabilizou e justificou a efetivação do processo expansionista sobre a região dos Campos de Cima da Serra e tantas outras. (SILVA, 2009:70)*

Golin sustenta que grupos indígenas estavam presentes no RS há mais de doze mil anos, sendo que: “a região dos vales dos rios Jacuí e Ibicuí, no atual Rio Grande do Sul, constituíram-se no espaço divisório entre as sociedades dos indígenas do pampa e do planalto. No planalto, ao norte, predominaram os caingangues, do tronco cultural jê” (GOLIN, 2004:21). Portanto, o território não estava “abandonado”, como costumam ensinar os professores da 3ª série (atual 4º ano), ao trabalharem o conteúdo da história do município selbachense, pois essa era a única que se sabia até então, sem questionamento.

A atual Selbach fica localizada próxima a área de fronteira, ocupada mais pelos caingangues, segundo Golin. Uma década de milhar depois dos pampeanos e dos caingangues, surgiram os guaranis nestas paragens, dominando não só as técnicas agrícolas, mas também os territórios e os demais povos: “Além de ocuparem parte dos territórios dos índios do pampa e do planalto, faziam incursões militares contra os grupos charruas, minuanos, caingangues, aprisionando-os e consumindo-os em festins”. (GOLIN, 2004:37)

As vias fluviais e o litoral brasileiro favoreceram o deslocamento dos povos indígenas pelo território hoje denominado como riograndense. Em se tratando de Selbach, é válido ressaltar que o mesmo integra a região hídrica do Alto Jacuí, que é composta pelos demais municípios: Alto Alegre, Arroio do Tigre, Barros Cassal, Boa Vista do Incra, Campos Borges, Carazinho, Chapada, Colorado, Cruz Alta, Ernestina, Espumoso, Estrela Velha, Fortaleza dos Valos, Ibarama, Ibirapuitã, Ibirubá, Jacuizinho, Júlio de Castilhos, Lagoa Bonita do Sul, Lagoa dos três Cantos, Lagoão, Marau, Mato Castelhana, Mormaço, Não-Me-Toque, Nicolau Vergueiro, Passa Sete, Passo Fundo,

Pinhal Grande, Quinze de Novembro, Saldanha Marinho, Salto do Jacuí, Santa Bárbara do Sul, Santo Antônio do Planalto, Segredo, Sobradinho, Soledade, Tapera, Tio Hugo, Tunas, Tupanciretã, Victor Graeff.

Na dissertação “O Alto Jacuí na Pré - História: subsídios para uma arqueologia das fronteiras”, Fabrício Vicoski trabalha com várias pesquisas que demonstram evidências da ocupação do território referente ao Alto Jacuí antes da colonização europeia por povos indígenas:

*Com base nos resultados imediatos das pesquisas brevemente descritas, pode-se afirmar que a antiguidade do povoamento humano no Alto Jacuí nos remete a fase inicial do período holocênico, com a presença de populações de caçadores - coletores nômades, os quais precederam a chegada de grupos ceramistas – horticultores que aqui viveram sem maiores adversidades até a chegada do colonizador europeu. (VICOSKI, 2011: 65)*

Como é relatado na história memorialista selbachense havia a existência de pinheirais no passado, inclusive inspirando um dos símbolos na entrada da cidade: o monumento no trevo da RS 223, retratado na página 13. Maestri demonstra a importância dessas florestas para as civilizações de caçadores-coletores do planalto:

*Os pinhões e a caça dos animais atraídos pelo fruto do pinheiro constituíam importantes fontes de alimentos dessas comunidades. Nos territórios do atual Rio grande do Sul, privilegiavam como locais de acampamento nos vales dos arroios, dos córregos e dos rios, sobretudo os que descem do Planalto para a Depressão central. (MAESTRI, 2006: 46)*

Segundo Vicoski, havia em torno de vinte milhões de hectares de matas de araucárias, sendo encontradas até duzentas árvores por hectares quando da chegada dos europeus. Ainda: que tais matas não estavam aleatórias no espaço era “resultado do manejo florestal praticado pelos indígenas, que não apenas realizavam uma seleção de espécies, como também as cruzavam, gerando sementes híbridas utilizadas posteriormente pelos

imigrantes, algumas delas já extintas e outras em via de desaparecer” (VICROSKI, 2001: 110).

Está aí outra evidência de ocupação do território: os indígenas realizavam um rodízio das áreas para sua moradia e alimentação, respeitando o ambiente natural, para que a natureza se recompusesse; com utilização sustentável da mesma, sem causar dano às espécies da fauna e da flora que contribuía para a sua sobrevivência.

A partir da chegada dos descendentes de alemães, a paisagem foi sendo modificada, pois uma das premissas para o recebimento dos lotes era ser agricultor, tendo a missão de “abrir” a mata e fazer a lavoura. Se por um lado as civilizações nativas tiveram seu espaço e liberdade de transição usurpada, os colonos-camponeses também foram iludidos pelas propostas das empresas colonizadoras, como escreve Sandor Bringmann:

*Para instigar nos Estados alemães a vinda de imigrantes para o Brasil, os agentes se utilizavam de diversos recursos para o sucesso da empreitada. Entre os principais estava a garantia de terras férteis das colônias. Logicamente não constava na propaganda das empresas colonizadoras o fato de que as áreas que iriam ser ocupadas pelos colonos não eram completamente “devolutas”, como disseminavam as propagandas. (BIRGMANN, 2009: 111)*

Habitando o planalto, com níveis de até 1000 metros acima do mar e sempre próximo ao curso ou vales de rios (entre eles o Jacuí), os grupos indígenas, de acordo com Arno Kern, possuíam uma estadia tranqüila, pois havia abundância de alimento através da caça e a possibilidade de coleta:

*Pássaros, mamíferos de pequeno e médio porte, raízes, mel silvestre, caramujos e pinhões faziam parte da dieta desses grupos. [...] Frutos, raízes e principalmente o nutritivo e abundante pinhão do Pinus araucária, poderiam ter sido parte da alimentação desses grupos, mesmo que nos sítios arqueológicos estes restos percíveis tenham deixado poucos traços. (KERN, 2009: 26)*

Como se percebe, depois do agrupamento de variadas pesquisas, parece um equívoco dizer que no território físico e político atual de Selbach não havia a presença de

indígenas. Certamente eles estiveram ali, porém com uma sociedade diferente da dos imigrantes alemães. Se os nativos estavam ocupando as matas no momento da colonização, não possuímos referenciais concretos (como relatos de encontros ou algum outro registro, nem pesquisas arqueológicas que qualifiquem a mesma); porém é muito provável.

É possível que tenha sido ocultada a presença dos indígenas, ou que apenas poucos se encontrassem escondidos na densa floresta, com receio da ação dos chamados bugreiros. O certo é que o governo da época, deseioso de progresso, fez com que duas minorias étnicas (indígenas e alemães) ocupassem o mesmo espaço (talvez em momentos distintos), com valores sociais distintos, o que pode ter causado estranhamento e receio entre as duas partes.

Curioso é a nomenclatura utilizada por duas comunidades interioranas para designar o nome de seus clubes: Esporte Clube Guarani, de Linha Floresta; e Esporte Clube Cacique, de Linha Arroio Grande, o que poderia render subsídios para pesquisas mais intensas, com um novo olhar da historiografia, mais de acordo com Peter Burke:

*O movimento da história-vista-de-baixo também reflete uma nova determinação para considerar mais seriamente as opiniões das pessoas comuns sobre o seu próprio passado do que costumavam fazer os historiadores profissionais. (BURKE, 1992: 16)*

Continuar trabalhando dados ultrapassados e memorialistas com as crianças nas instituições de ensino público (não há rede particular no município) é negar o passado de Selbach que existiu antes da colonização. Subtrair ou negar parte do passado é cometer um desrespeito para com as gerações futuras e um crime étnico para com as populações nativas que certamente ocuparam este espaço.

### ***Bibliografia***



ARDENGHI, Lurdes Grolli. **A Questão da terra na ocupação do norte: caboclos, ervateiros e coronéis.** In: História Geral do Rio Grande do Sul, volume 3: República Velha, tomo 1. Livraria e Editora Méritos Ltda, Passo Fundo: 2007.

ARNOLD, Alcides José. **O Desejo Amarelo.** LEW editora, Tapera.

BRIGMANN, Sandor Fernando. **Fronteiras da inclusão e da exclusão: reflexos dos Kaingangues e as frentes de expansão (séc.XXI).** In.: História Geral do Rio Grande do Sul. V.5: Povos Indígenas. Livraria e Editora Méritos Ltda, Passo Fundo: 2009.

BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História. Novas perspectivas.** Editora UNESP, São Paulo: 1992.

GOLIN, Tau. **O povo do pampa: uma história de 12 mil anos do Rio Grande do Sul para adolescentes e outras idades.** 3 ed. UPF, Passo Fundo: 2004.

KERN, Arno Alvarez. **Pré-história e ocupação humana.** In. : História Geral do Rio Grande do Sul. V.5: Povos Indígenas. Livraria e Editora Méritos Ltda, Passo Fundo: 2009.

MAESTRI, Mário. **Uma breve história do Rio Grande do Sul: da pré-história aos dias atuais. A ocupação do território.** Ed. UPF, Passo Fundo: 2006.

SELBACH. **Calendário de Eventos.** 2003.

SELBACH. **Lei Orgânica Municipal.**

SILVA, Adriana Fraga da; e Arthur Henrique Franco Barcelos. **A “terra de ninguém”: índios e bugres nos Campos de Cima da Serra.** In: História Geral do Rio Grande do Sul, volume 5: Povos Indígenas. Livraria e Editora Méritos Ltda, Passo Fundo: 2009.

TEDESCO, João Carlos e Liliane I. M. Wentz. **A economia e a indústria da madeira.** In: História Geral do Rio Grande do Sul, volume 3: República Velha, tomo I. Livraria e Editora Méritos Ltda, Passo Fundo: 2007.

VICROSKI, Fabrício José Nazzari. Dissertação de mestrado **O Alto Jacuí na Pré-História: subsídios para uma arqueologia das fronteiras.** UPF: 2011.